

DESAFIO TRAVESSIA CASSINO X CHUÍ

Relato da Travessia da Maior Praia do Mundo

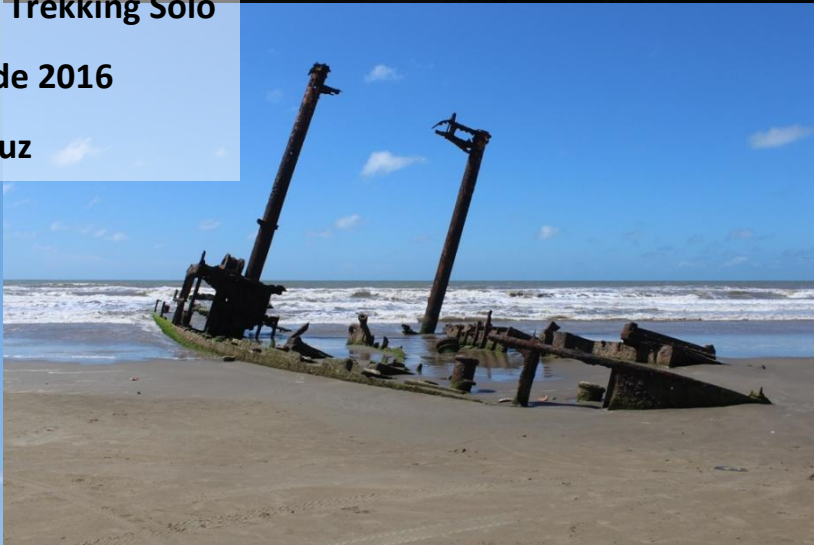
Trajeto de 227 km em dias 5 de Trekking Solo

De 22 a 26 de Fevereiro de 2016

Por: Cristiano da Cruz

INDIADA[®]
BUENA

AVENTURAS



SUMÁRIO

Índice de Fotografias	3
Apresentação	5
Introdução	6
1. A Viagem de ida para Grande Aventura	8
2. O primeiro dia da Travessia – Pilhado.	10
3. Segundo dia da Travessia – Muita dor nos pés.	14
4. Terceiro dia da Travessia – Dia difícil.....	18
5. Quarto dia da Travessia – Mais um dia difícil.....	24
6. Quinto dia da Travessia – Dia de temporal.	31
7. Informações complementares	38
8. Tabela de Tempos e Deslocamentos	39
9. Considerações Finais.....	40
10. Agradecimentos.....	41

Índice de Fotografias

Foto 1: Centenas de Carros na Praia do Cassino.....	9
Foto 2: Molhes da Barra do Porto de Rio Grande	9
Foto 3: Nascer do Sol do primeiro dia.	10
Foto 4: Primeira foto com o Vilço.	10
Foto 5: Praia do Cassino	11
Foto 6: Cruzando o primeiro parque Eólico.....	11
Foto 7: Tartaruga marinha morta na praia	12
Foto 8: Naufrágio na Praia do Cassino.....	12
Foto 9: Muitas aves no segundo parque eólico	13
Foto 10: Ótimo lugar para acampamento	13
Foto 11: Primeiro acampamento na praia.....	13
Foto 12: Foto com o Vilço no por do sol.....	13
Foto 13: Nascer do sol do segundo dia.....	14
Foto 14: Foto do segundo dia com o Vilço	14
Foto 15: Reabastecimento de água do 2º dia	15
Foto 16: Rastros que se cruzam na areia.....	15
Foto 17: Oásis próximo ao Farol Sarita.....	15
Foto 18: Farol Sarita	15
Foto 19: Almoço com pescadores no 2º dia	16
Foto 20: Casa do Senhor Didi	16
Foto 21: Caminhão que deixou 2 litros de água	17
Foto 22: Um oásis próximo ao pinus	17
Foto 23: Nuvens coloridas no entardecer	17
Foto 24: Foto noturna do acampamento	17
Foto 25: Nascer do sol do terceiro dia.....	19
Foto 26: Foto com o Vilço no terceiro dia	19
Foto 27: Primeiro grupo de pescadores	19
Foto 28: Segundo grupo de pescadores	19
Foto 29: Dia quente e deserto	20
Foto 30: Cansado, a procura de uma sombra	20
Foto 31: Farol Albardão no horizonte	21
Foto 32: Areia movediça na praia	21
Foto 33: Por do sol no Farol Albardão	22
Foto 34: Areia invadindo as casas do Farol.....	22
Foto 35: Bolhas nos pés	23
Foto 36: Luzes do Farol Albardão.....	23
Foto 37: Lua cheia no alojamento do Albardão	24
Foto 38: Refeição reforçada (Jantar).....	24
Foto 39: Sensacional nascer do sol do 4º dia.....	25
Foto 40: Saída do 4º dia com o Vilço	25
Foto 41: O quarto dia amanheceu nublado.....	25
Foto 42: Meu bastão apoiador.....	25

Foto 43: Parada para um descanso e reflexão.....	26
Foto 44: As vacas não eram fantasmas	26
Foto 45: Objeto metálico na praia	27
Foto 46: Os dois Mexicanos de bicicleta.....	27
Foto 47: Boia distante no horizonte	28
Foto 48: Detalhes da boia	28
Foto 49: Lonas na praia	29
Foto 50: O Ramiro e a sua casa	29
Foto 51: Acampamento no hotel abandonado	30
Foto 52: Detalhe do hotel coberto por dunas	30
Foto 53: Saída do 5º dia com o Vilço.....	31
Foto 54: Nascer do sol do 5º dia	31
Foto 55: Dia nublado e carrancudo	31
Foto 56: Cadeira de praia abandonada	31
Foto 57: Se armando o temporal	32
Foto 58: Bandeira avistada da praia.....	32
Foto 59: Turma do Helio Orsina no Recanto.....	33
Foto 60: A Chuva que havia passado.....	33
Foto 61: Mexicanos passando na praia	34
Foto 62: Chegando à praia do Hermena.....	34
Foto 63: A chegada do "Hermena".....	35
Foto 64: Pancho com Coca-Cola.....	35
Foto 65: Foto na Iemanjá do Hermenegildo	36
Foto 66: A última foto antes do temporal	36

Apresentação

Meu nome é Cristiano Da Cruz, tenho 36 anos, sou formado em Análise de Sistemas pela FSG - Faculdade da Serra Gaúcha e Pós Graduado em Gestão da Produção pela UCS – Universidade de Caxias do Sul, mas escritório não me agrada, a natureza sim. Em 2014, concluí o curso técnico de Guia de Turismo com Habilitação para Guiamento Regional, Nacional e América do Sul, sendo, portanto, Guia Credenciado junto ao Ministério do Turismo com o nº 23.024889.96-1. Idealizador e organizador da **INDIADA BUENA AVENTURAS**, que é um Operador Turístico com empresa registrada no CNPJ com o número 18.996.374/0001-74, especializado no segmento Turismo de Aventura, com sede em Bento Gonçalves na Serra Gaúcha e que tem por objetivo proporcionar aos participantes atividades em meio à natureza, com segurança e respeito ao meio ambiente. A atividade principal é a prática de caminhadas e trekkings em trilhas, estradas de chão batido, fazendas, campos, riachos, cachoeiras, montanhas, cânions e ferrovias.

Nossa programação de aventuras e outras informações importantes estão disponíveis em nossa página na Internet através do endereço www.indiadabuena.com.br

Este relato foi desenvolvido para apresentar o dia o dia de um grande desafio pessoal realizado do dia 22 ao dia 26 de Fevereiro de 2016. A Travessia da Maior Praia do Mundo com 227 km de extensão, o trajeto foi realizado em cinco dias de Trekking na modalidade Solo.

Importante comentar que o personagem “Vilço” que aparece em vários momentos do relato é uma carinhosa analogia ao personagem “Wilson” do filme “O Náufrago” protagonizado pelo ator Tom Hanks, o “Vilço” foi um presente de aniversário da turma de amigos da Loja Katmai (Leandro, Tarin, Marcelo e Ana) para servir como companhia e apoio na minha aventura.

Dedico este relato para todos os Índios da nossa querida Indíada Buena Aventuras.

Cristiano da Cruz

crdacruz@gmail.com

INDIADA[®]
BUENA
AVENTURAS



Introdução

Quinta Feira, 09/02/2016 por volta das 18 horas, estava pedalando na UCS CARVI em Bento Gonçalves quando um pensamento veio em minha cabeça! Estou precisando de um grande Desafio e ficar um pouco isolado do mundo! E logo me lembrei da Travessia Cassino x Chuí se encaixando perfeitamente ao momento. No mesmo instante decidi: - Vou fazer!

A Travessia Cassino x Chuí é um Trekking considerado um dos mais difíceis do Brasil. Trata-se de uma caminhada atravessando a maior praia do mundo que inicia nos Molhes da Barra do Porto de Rio Grande na Praia do Cassino e estende-se até os Molhes da Barra do Chuí em Santa Vitória do Palmar no extremo sul do país. Esta travessia é realizada geralmente com a duração de sete dias onde os aventureiros caminham em média 35 km por dia. Existe também uma competição realizada no local conhecida como CASSINO ULTRA RACE (CUR) onde o competidor Anibal Lavandeira, primeiro colocado de 2015 completou os 227 km do trajeto com o tempo de 33h52min. O trajeto exige muito esforço e preparação física e mental dos seus desafiadores. Entre as recompensas estão belíssimas paisagens, lindos nascer e por do sol, belíssimas aves, a beleza e a imponência dos faróis, as surpresas e objetos que se pode encontrar pela praia e o mais importante, a superação pessoal.

Vale ressaltar e citar também os muitos questionamentos e críticas existentes sobre o percurso citado acima ser ou não ser a “Maior Praia do Mundo”, portanto, neste relato não estamos realizando esta afirmativa, mas sim, usando o termo da forma como “popularmente” o trajeto que vai dos Molhes de Rio Grande até os Molhes da Barra do Chuí ficou conhecido.

Num final de semana, dia 13/02 na viagem de ida para uma Indiada em Vespasiano Corrêa, comentei no micro sobre o assunto para amiga e aventureira Helena Perin, que prontamente indicou outro amigo que já havia feito esta aventura para me dar umas dicas, o Fernando Souza Neto. A Helena nos colocou em contato pra trocarmos umas ideias.

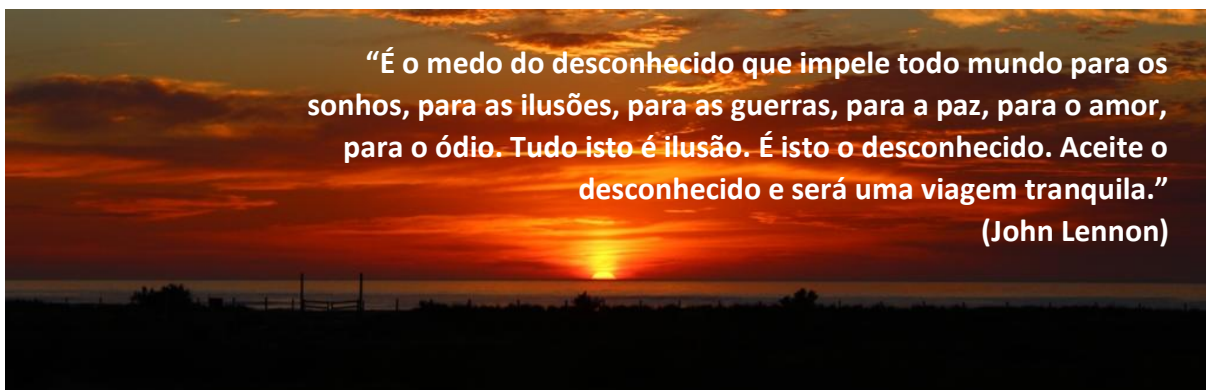
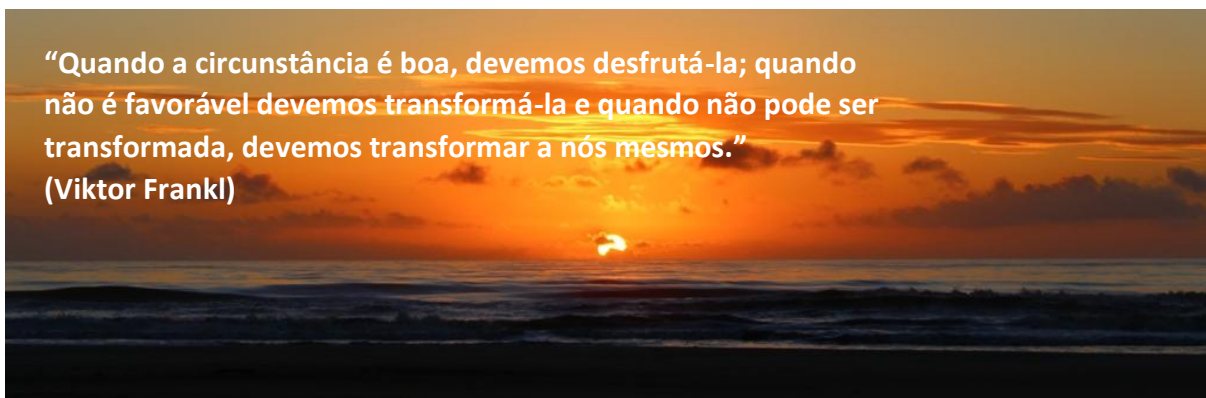
Dia 19/02 já estava tudo preparado, aí liguei pro Fernando para conversar, suas dicas foram bem importantes, alimentação, hidratação, locais para não deixar de visitar, cuidados e principalmente a realização do trajeto sentido Norte/Sul pela questão solar (o sol fica nas costas) e pela questão vento (que nesta época fica nas costas também e ajuda na pernada). Ficamos uns 35 minutos ao telefone falando sobre itens e pontos relevantes da Travessia.

As pessoas de modo geral, ao ficar sabendo da grande aventura que estava sendo comentada faziam sempre estas duas perguntas: 1ª – Você é louco? Não, sou normal, mas as pessoas com espírito aventureiro gostam de desafios, gostam de pisar onde nunca foi pisado,

gostam de ver o que nunca foi visto, gostam de conhecer lugares novos, gostam de experiências de vida, gostam de curtir a natureza, gostam de acampar em lugares isolados e principalmente, gostam muito de encarar desafios pessoais; 2ª – Você vai sozinho? Sim, vou sozinho e sim, é perigoso, mas respondo com outra pergunta, onde não é? Encarar um desafio deste porte, sozinho, é justamente para colocar as ideias em ordem, ficar retirado, desconectado do mundo e conectado consigo mesmo. Mas vale ressaltar que é muito importante ter os equipamentos adequados e o preparo físico necessário antes de assumir este compromisso. Sair para uma aventura é um ato de ousadia e coragem, mas retornar dela em condições de encarar uma próxima é um ato de sabedoria e responsabilidade. Pense nisso!

Meu principal objetivo com este relato é transmitir para as pessoas as experiências e os momentos destes cinco dias da Travessia Cassino x Chuí, para que todos possam ter as mesmas sensações e sentimentos que vivenciei no dia a dia da aventura. Que todos possam voltar no tempo através da leitura, reviver e relembrar os perrengues e os melhores momentos que passei. Espero que a leitura ao final de cada dia o deixe curioso em saber o que aconteceu no próximo dia e que desta forma você consiga apreciar este relato até o final. Quando viajar ou se aventurar por aí, jamais se esqueça da sua câmera fotográfica, do seu caderno de anotações, da sua caneta, muita disposição e uma boa dose de bom humor.

Então, Boa Viagem, Boa Aventura e Boa Leitura!



1. A Viagem de ida para Grande Aventura

Dia 21/02, dia do meu aniversário, 36 anos e louco por Aventuras e Desafios. Acordei cedo, pilhado para a viagem até Rio Grande, últimos preparativos. Levar o lixo, esvaziar a geladeira para não ter nada estragado e cheirando mal na volta pra casa e tudo pronto pra partida. Saí de Bento Gonçalves às 10h45min. Logo após passar pela cidade de São Vendelino estava revisando mentalmente os itens da aventura e lembrei, esqueci-me das botas em casa! (pois a ideia era fazer a caminhada de botas e levar o tênis na mochila apenas por precaução), tudo bem, não valia a pena voltar, então decidi fazer todo trajeto de tênis mesmo.

O domingo era de sol e calor, parei para almoçar em São Sebastião do Caí. No restaurante havia uma canja de galinha muito convidativa, e foi nela mesmo que fui, almocei dois generosos pratos da sopa que estavam deliciosos. Logo após o rango voltei para a estrada e segui viagem. Já havia passado a Capital dos Gaúchos quando resolvi parar para abastecer o golzito e comprar uma água mineral, parei próximo a Guaíba num posto Ipiranga. Fui ao banheiro, comprei a água, paguei o combustível e quando fui ligar a ignição do golzito ele resolveu não funcionar. Sei lá o que houve! Aconteceu que os frentistas do posto tiveram que dar uma “empurradinha” no Golzinho Indiada Móvel para fazer ele “pegar no tranco”, motor funcionando, pronto! Agora vamos até o final. Entre um Km e outro da BR116 recebia mensagens no meu celular com dizeres dando os Parabéns pelo meu aniversário, ficava muito contente com cada uma que recebia.

A viagem foi tranquila, fui apreciando as belas paisagens às margens da BR e havia pouco movimento na Rodovia. Claro, sempre tem os apressadinhos fazendo ultrapassagens arriscadas, mas o negócio é manter a maior distância possível destes condutores que se arriscam demais. Cheguei a Rio Grande por volta das 17 horas e à Praia do Cassino logo depois. Percebi um grande movimento de carros entrando e saindo da praia e fui conferir o que era. Havia uma multidão no local (Foto 1), todos os carros estacionados lado a lado e uma verdadeira rodovia à beira mar que mais parecia uma *Free Way*, cerca de três pistas de cada lado com carros indo e vindo a todo instante. Fui seguindo por entre os carros e aquele movimento todo até chegar aos Molhes da Barra de Rio Grande.



Foto 1: Centenas de Carros na Praia do Cassino

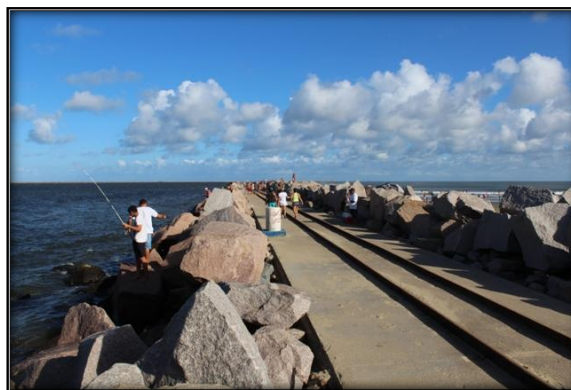


Foto 2: Molhes da Barra do Porto de Rio Grande

Só conhecia o local através de fotos, estava impressionado com a grandiosidade da obra e fiquei imaginando como havia sido a construção dos Molhes (Foto 2), uma via formada por enormes pedras que adentra uns 3 ou 4 quilômetros no oceano criando um canal para a entrada dos navios no super porto de Rio Grande. Realmente impressionante! No local havia muitas pessoas, turistas, pescadores, vendedores ambulantes e as tradicionais “vagonetas” que fazem um passeio pela via dos Molhes levando pessoas em carros sobre os trilhos movidos com velas e a força do vento. Muito legal, vale muito a pena conhecer o lugar, recomendo, porém, outro aspecto que me chamou muito a atenção foi à quantidade de lixo que havia no lugar, muito lixo mesmo.

Após tirar algumas fotos e caminhar pelos Molhes, resolvi partir à procura de uma Pousada para passar a noite e também para deixar o carro durante os 5 ou 6 dias em que realizaria a Grande Travessia. A primeira Pousada que encontrei foi uma chamada “Beira Mar”, havia apenas um quarto disponível e logo tratei de deixá-lo reservado, o Dono da Pousada com quem entrei em contato ficou de verificar com sua esposa a questão de deixar meu carro no local por alguns dias. Enquanto isso fui procurar um restaurante para jantar. Parei numa lanchonete bem na Avenida Central da Praia do Cassino onde estava acontecendo uma série de atividades, exposições e apresentações artísticas. Enquanto saboreava um delicioso Xis Filé com Batatas Fritas, apreciava o Show do Neto Fagundes cantando o nosso querido Canto Alegretense para o público animado do Cassino, muito legal. Já era em torno das 20h30min, estava satisfeito, então voltei para a Pousada Beira Mar e para minha surpresa eles não dispunham de vaga para deixar o carro por uma semana, fiquei chateado, pois poderiam ter dito isso antes, então, resolvi procurar outro local.

Perguntei para um morador se havia alguma outra Pousada nas proximidades e ele indicou a Pousada Palhoça, cerca de 3 ou 4 quadras adiante. Poucos minutos depois cheguei ao local, estava fechado, mas entrei em contato pelo telefone que havia na placa ao lado de fora. prontamente fui atendido pela Ana Rita que foi muito gentil e receptiva comigo. Expliquei sobre a minha aventura e que precisava deixar o carro e ela prontamente me cedeu uma vaga coberta na

garagem ao lado do seu próprio carro, um luxo para o golzinho. Pronto! Eu podia fazer a Travessia sem nenhuma preocupação com a segurança do carro. Além disso, a Ana Rita foi muito colaborativa em me ajudar a localizar um Táxi para me levar até os Molhes da Barra no próximo dia bem cedo para iniciar minha aventura. Tudo resolvido paguei minha diária e fui para o quarto tomar um banho, descansar e organizar os apetrechos para a grande perna da próxima semana. Fiquei relendo as mensagens recebidas no dia e revisando mentalmente os detalhes do meu planejamento. Estava inquieto, ansioso, não foi fácil pegar no sono, mas finalmente consegui dormir e descansar.

2. O primeiro dia da Travessia – Pilhado.

Dia 22/02. Acordei sem despertador às 05h30min. Pilhado Total! Meu café da manhã no quarto da Pousada Palhoça foi um Crepes de Queijo que comprei na noite anterior, duas bananas que levei de casa e Gatorade. Logo em seguida guardei as últimas coisas no porta malas do carro e liguei pro Moto Táxi indicado pela Ana Rita na noite anterior. Saímos da Pousada em Direção aos Molhes da Barra do Cassino às 06h10min.

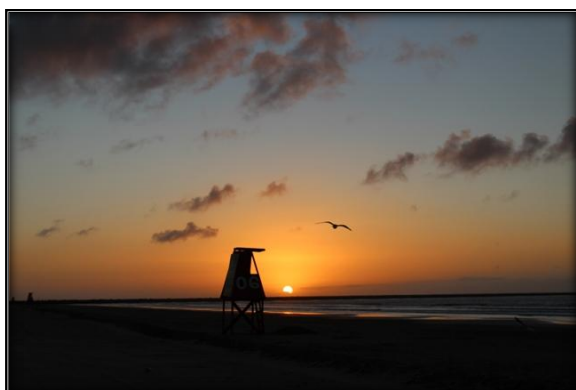


Foto 3: Nascer do Sol do primeiro dia.



Foto 4: Primeira foto com o Vilço.

O dia estava lindo, céu limpo, temperatura muito agradável e antes da chegada aos Molhes, em cima da moto mesmo, fiz algumas fotos do primeiro e espetacular nascer do sol no oceano. Com a moto em movimento tive a sorte de fotografar algumas aves nas imagens e as guaritas dos salva-vidas, mesmo sem caprichar muito, as fotos ficaram sensacionais (Foto 3). Chegando aos Molhes me despedi do Moto Táxi que desejou boa sorte, fiz algumas fotos do lindo nascer do sol e fiz também a minha primeira foto (Foto 4) com o meu companheiro fiel dos próximos cinco dias, o “Vilço” (lembrando que foi um presente que ganhei de Aniversário dos amigos da Loja Katmai, uma Bola da Wilson quase idêntica a que foi utilizada pelo Ator *Tom Hanks* no filme “O Náufrago”). Iniciado o grande desafio da Travessia Cassino x Chuí às 06h30min. Ritmo forte caminhava a quase 6 km/hora, mas logo vi que precisava ir mais devagar, ou iria acabar gastando toda energia antes do meio dia.



Foto 5: Praia do Cassino



Foto 6: Cruzando o primeiro parque Eólico

Cruzei caminhando rápido a praia do Cassino (Foto 5), logo ao final comecei a me preocupar com a água, pois estava consumindo mais do que havia previsto, então pensei: - Já que ainda tenho opções, vou pedir água para às pessoas que estão na Praia para economizar aquela água que tenho de reserva. Então, me aproximei de um casal que estavam de carro parados na praia, percebi que tinham uma caixa térmica grande e provavelmente com bastante água. Perguntei para a mulher se podiam me dar um pouco de água para beber e como resposta, ouvi o seguinte: - Nem pensar, se dermos nossa água para você vamos ficar sem para beber depois! Fiquei espantado, pasmo com aquilo, afinal, pedi apenas um pouco de água e não tudo que tinham, mas enfim, aceitei a situação e segui em frente.

Aquela atitude me deixou pensativo por alguns quilômetros (Foto 6). Uns 5 quilômetros adiante um senhor que estava pescando na beira praia me abordou enquanto passava por ele e me deu espontaneamente uma garrafinha de 500 ml de água com gás, gelada na medida certa, e disse em seguida: - Pelo jeito vai fazer uma grande caminhada, é importante que você beba bastante água! Fiquei impressionado com a situação, primeiro porque não esperava por aquilo e segundo porque momentos antes havia presenciado algo totalmente oposto. Duas situações totalmente contrárias e inéditas vividas em momentos muito próximos, cheguei até a pensar que aquela mulher que negou água lá atrás havia feito algum tipo de contato com o pescador para ele me oferecer água mais adiante, enfim, creio que tenha sido apenas uma grande coincidência mesmo. O mais incrível disso tudo, é que eu viria comprovar em todos os dias adiante, é que receberia ajuda de pessoas que nem poderia imaginar, do mesmo modo que o pescador me deu de forma inesperada meio litro de água há poucos minutos atrás.

Havia muitos animais mortos pela praia (Foto 7). Por volta das 11 horas da manhã o calor estava judiando do “Índio Véio”, foi quando cheguei ao cenário do Naufrágio¹ (Foto 8) no final

¹ Trata-se do Naufrágio do Navio Altair que aconteceu em Junho de 1976 na Praia do Cassino, a embarcação sofre com a ação do tempo e da maresia e vai, lentamente, sendo engolido pela areia.

da parte habitada da Praia do Cassino, logo depois do primeiro parque Eólico, já havia caminhado 22 km, no local havia uma Patrulha da Brigada Militar fiscalizando o transito da praia a partir daquele ponto.



Foto 7: Tartaruga marinha morta na praia



Foto 8: Naufrágio na Praia do Cassino

Então parei alguns minutos para um lanche rápido e para tirar umas fotos do Navio Naufragado, foi quando tive a segunda surpresa boa do dia, o policial veio até mim perguntando o que estava fazendo e reconheceu o meu amigo “Vilço”, achou legal a ideia e também ofereceu água. Consegui reabastecer um litro de água gelada com a gentileza do amigo da Brigada. Em retribuição dei-lhe de presente um chaveiro da Indiada Buena, ele ficou contente e anotou o endereço da página da Indiada Buena para dar uma olhada. Vale comentar que no planejamento dos meus recursos para a travessia não estavam incluídos “almoços”, mas sim lanches rápidos a cada 2 horas, então levei apenas lanches e petiscos. Levei alimento mais reforçado somente para comer no jantar. Do local do naufrágio em diante o calor só aumentava, nem vento tinha para dar uma refrescada no caminhante, caminhei mais uns 10 km quando cruzei por um casal de Senhores de Pelotas que estavam parados na praia, eles também me abordaram pedindo para onde eu ia e ofereceram água. Eles foram muito gentis, pediram para tomar o máximo de água que podia e ainda deram mais 1 litro para levar. Ficaram espantados quando disse que iria caminhando até a Barra do Chuí e antes de eu partir a senhora disse: - Vá com Deus rapaz, tenha boa sorte e se cuide. Coragem!

Entre todos os acontecimentos do dia até aquele momento, pensei: - Eu sou um cara de sorte! Estou cruzando com pessoas dispostas a ajudar e desejar boa sorte. Vamos em frente! Passando pelo Km 35 do dia, avistei um ótimo local para acampar, próximo a um riacho com água aparentemente boa, foi o meu primeiro reabastecimento com água direto da fonte, claro, sempre usando Clorin para tratar a água antes de ingerir, ali reabasteci mais 1 litro e segui na pernada. Fiz algumas fotos do local com as torres do segundo parque Eólico (Foto 9) ao fundo e pensei: - Este é um ótimo local para acampar (Foto 10) quando vier com meus Índios para fazer esta travessia e

marquei o local no GPS. Havia bastante movimento neste trecho inicial, caminhões e carros passavam a todo instante.



Foto 9: Muitas aves no segundo parque eólico



Foto 10: Ótimo lugar para acampamento

Já havia chegado a metade da tarde e já começava sentir bolhas nos pés, um péssimo sinal para o primeiro dia de caminhada. Passando pelo Km 44 do trajeto, encontrei com um inusitado alemão numa motocicleta com camuflagem militar, cheia de alforjes e acessórios e usando um capacete com a marca de um tiro na frente e uma vela automotiva grudada na parte de cima, uma figuraça, pena que não fotografei o rapaz. Ele falava um português enrolado e trocamos algumas palavras, deu para entender que havia saído o Chuí há dois dias e que iria acampar na Praia do Cassino, eu também contei meu objetivo pra ele, nos despedimos e cada um seguiu seu rumo.

No final da tarde, quando percebi já havia passado dos 50 km de caminhada no dia, foi quando resolvi parar e acampar no km 52 (Foto 11). Ventava muito, foi complicado armar a barraca, mas consegui. Ao tirar os tênis me assustei, pois as bolhas eram muitas e maiores do que eu sentia e imaginava.



Foto 11: Primeiro acampamento na praia

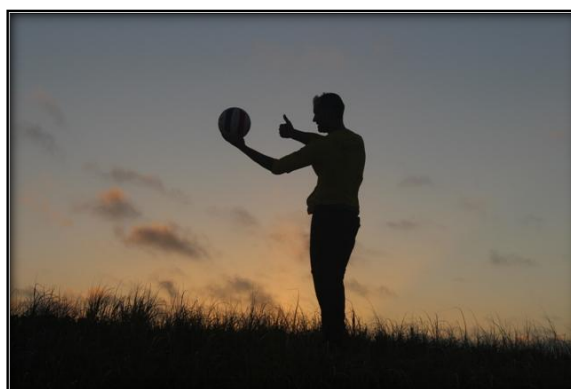


Foto 12: Foto com o Vilço no por do sol

Coloquei o chinelo e fui tirar algumas fotos do por do sol com o meu parceiro “Vilço” (Foto 12), logo em seguida voltei pra barraca e tratei de preparar o jantar (massa + sardinha + tomates). Quando deitei e comecei a pensar nos fatos do dia, fiquei preocupado e apreensivo. Havia

tomado muito mais água do que o previsto, além disso, havia sido muito mais difícil do que o imaginado, isso, considerando que atravessasse um trecho com muitos recursos e opções e sabia que viriam pela frente muitos trechos absolutamente desertos. Confesso que pensei em desistir, pensei em pedir carona na manhã seguinte para o primeiro veículo motorizado que viesse no sentido contrário e voltar. Os pés doíam muito, a preocupação com a água era eminente, o forte cansaço do primeiro dia foi devastador, mas foi aí que o espírito de Índio entrou em ação. Fui dar uma volta lá fora, caminhei descalço pela praia, olhei uma lua gigante nascendo no mar e pensei: - Vamos lá Índio Véio! Não te abala! Vai se acadelar agora? Um dia já foi Tchê, faltam apenas quatro. E, além disso, o que eu vou falar para os meus índios? Desisti e Pronto! Não, de jeito nenhum... E voltei pra barraca pouco depois das 21 horas para a primeira noite de acampamento. Sempre antes de dormir, sob a luz das lanternas eu lembrava e escrevia os fatos e os momentos do dia no meu pequeno caderno que carregava comigo.

3. Segundo dia da Travessia – Muita dor nos pés.

Dia 23/02. Coloquei o GPS para despertar às 05h45min, mas acordei sozinho às 05h39min. Não tive uma boa noite de sono porque ventava muito, além do barulho das ondas do mar. Tomei meu café da manhã na barraca, comi bisnaguinhas da sevem boys, tomates, banana passa e um creme de aveia com água (uma delícia). Fiz tudo rápido, a dor nos pés havia passado, mas as bolhas ainda estavam lá. Guardei tudo na mochila, não havia um acessório que não tivesse areia. Curti um lindo nascer do sol e tirei algumas fotos (Foto 13), fiz a segunda foto da travessia com o “Vilço” na praia e parti pra pernada do segundo dia (Foto 14).

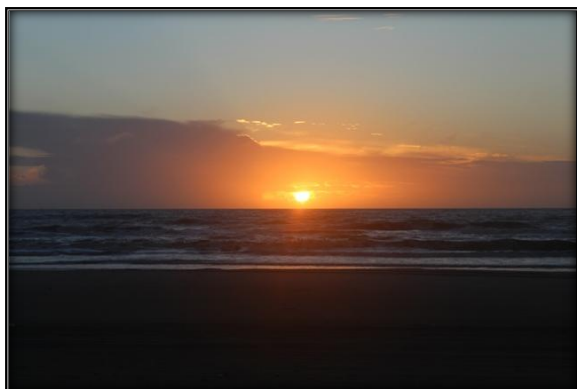


Foto 13: Nascer do sol do segundo dia



Foto 14: Foto do segundo dia com o Vilço

A meta que havia definido era caminhar 50 km, pensei em caminhar mais nos primeiros dias para deixar menos quilometragem para os últimos (que ilusão). Após caminhar cerca de 4 km avistei um arroio com grande volume de água que parecia muito limpa e era bem transparente (Foto 15), não hesitei e fui logo tratar de reabastecer meu estoque, bebi tudo que

restava e enchi tudo que podia. Fiz fotos dos litros reabastecidos no local. Comecei bem o dia, carregava sempre 4 litros de água na mochila (eram dois recipientes de 1,5 litros e mais dois de 0,5 litros).

No local havia muitos rastros de animais na areia (Foto 16), eles certamente fizeram o mesmo que eu fiz, foram beber aquela água boa que havia lá, registrei com fotos aquele monte de pegadas também.



Foto 15: Reabastecimento de água do 2º dia



Foto 16: Rastros que se cruzam na areia

Seguindo na perna avistei ao longe no horizonte o Farol Sarita (Foto 18) nas cores vermelho e branco (O Farol Sarita construído numa torre metálica, foi inaugurado em 12 de Outubro de 1909 e leva o nome de um navio naufragado naquele local, somente em 1952 foi inaugurada a atual torre de alvenaria). Avistar um farol na praia é motivador e fatigante ao mesmo tempo, motivador porque você passar a ter um ponto de referência, um lugar para chegar, fatigante porque não chega nunca, você caminha, caminha, caminha e até parece que ele vai se afastando de você. Pouco antes do farol, avistei um riacho que formava uma grande lagoa de água doce, chamei este local de oásis e não hesitei em tomar um belo banho ali (Foto 17).



Foto 17: Oásis próximo ao Farol Sarita



Foto 18: Farol Sarita

O “Vilço” foi pra água também. Havia muitos peixes pequenos no “oásis” e até alguns caranguejos, sinal de água boa e limpa. Após o banho continuei caminhando sentido Sul,

passaram por mim vários veículos também no segundo dia. O calor e o sol forte estavam assolando o Índio Véio, havia um mormaço na areia que dava pra sentir no rosto, já era por volta das 11h45min da manhã quando avistei uma caixa d'água azul bem acima das dunas, então imaginei: - Deve haver uma casa e água ali. E fui até o local conferir, chegando lá me deparei com cinco pescadores e mais o morador da casa, era o Sr. Didi (Foto 20), mais conhecido com "Bin Laden" (pois tinha uma longa barba de quase meio metro que havia aparado totalmente alguns dias antes), a turma era de Garopaba/SC e estavam pescando por aquelas bandas, ofereceram cerveja gelada, mas não aceitei, pedi apenas água gelada. Bebi quase um litro de supetão, estava muito gelada, que água boa.

Fiquei lá deitado na sombra da área da casa por alguns minutos descansando e contando aos pescadores sobre a minha aventura, eles estavam muito curiosos e queriam saber tudo. Lá pelas tantas, alguém grita dentro da casa: - o Almoço tá pronto, vamos lá rapaziada! E a "rapaziada" me incluía, eles fizeram questão que almoçasse com eles antes de ir embora, esta oferta eu não podia negar. Comi dois belos pratos de feijão com arroz e farinha, e uma linguíça cozida na panela, um verdadeiro luxo (Foto 19).

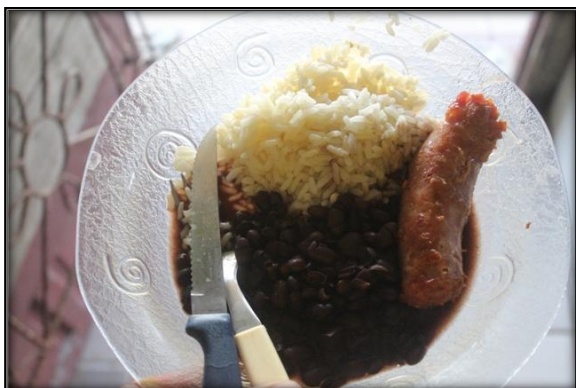


Foto 19: Almoço com pescadores no 2º dia



Foto 20: Casa do Senhor Didi

Depois do almoço, lavei meu prato e meus talheres (é o mínimo que podia fazer, devia na verdade era ter lavado toda louça), e me preparei para a partida. Tomei mais uns quantos goles de água gelada, em seguida, me despedi de todos agradecendo muitas vezes pela água e pela comida, deixei ali também dois chaveiros da Indiada Buena de recordação e fui de volta para a praia. Quanto retomei a marcha era por volta das 13h15min, havia descansado bastante e estava bem hidratado, assim, segui firme pelos próximos quilômetros do trajeto. Quase uma hora depois, passou por mim uma caminhonete Hilux, não consegui ver a placa, mas ouvi que o carona gritou: - Uma água para o caminhante! E jogaram dois copinhos de água gelada na areia para mim. Corri para pegar, Mas Bah! Mais sorte! Tomei tudo rapidinho, muito refrescante! Continuei caminhando, logo após a metade da tarde a dor nos pés voltou, e como resolvi "poupar a pisada" em algumas partes dos pés, acabei sobrecarregando alguns músculos das pernas, então, surgiu a dor nas pernas. Para

esquecer um pouco das dores fiquei lembrando da festa de aniversário que fizemos no sábado, foi muito divertido e muito legal. Apesar de toda água que havia tomado na parada do meio dia, mais os dois copinhos jogados na praia pelo pessoal da caminhonete, o dia quente me fez consumir ainda mais líquidos, nesse ínterim, vinha vindo ao longe no horizonte um caminhão carregado de grandes tonéis, quando ele foi se aproximando fiz um sinal com a garrafinha vazia pedindo se ele tinha mais água, até achei que não iria parar, pois não reduziu a velocidade, mas logo após passar por mim ele parou, me chamou de volta e me deu mais 2 litros de água que ele havia abastecido pouco antes num acampamento nos trabalhadores do pinus.



Foto 21: Caminhão que deixou 2 litros de água



Foto 22: Um oásis próximo ao pinus

Agradei ao senhor do caminhão e contei até aonde eu ia, ele me chamou de louco, embarcou no seu caminhão e seguiu para o Norte (Foto 21), eu acenei e agradei com sinal de positivo e continuei seguindo para o Sul. A dor nos pés estava acabando comigo, eles latejavam, foi quando percebi que não seria possível chegar aos 50 km naquele dia, então, resolvi parar para acampar no km 46, ao lado de uma lagoa formada por outro riacho. Marquei aquele local no GPS como “Oásis Pinus” (Foto 22). Havia uma plantação de pinus interminável paralela à praia, caminhei por estes pinus por quase dois dias.



Foto 23: Nuvens coloridas no entardecer



Foto 24: Foto noturna do acampamento

Montei acampamento no local e aproveitei para tomar um banho, e foi peladão mesmo, afinal a praia estava deserta. A água não era tão cristalina, mas era uma nova oportunidade

para reabastecimento, então, já que havia tempo à noite no acampamento tratei de ferver dois litros e ainda tratar com Clorin² antes de consumir. Era uma água meio amarelada, mas não tinha gosto ruim, devia ser por causa da concentração de ferro no solo, eu acho. Fiz várias fotos do pôr do sol e das nuvens coloridas do entardecer deste dia (Foto 23), logo em seguida, repeti a dose do jantar (massa + sardinha + tomate).

Ao cair à noite, surgiu no mar uma lua ainda mais linda que na noite anterior, lua cheia, algumas nuvens e muitas estrelas no céu. Estava um pouco mais disposto que na noite anterior, então resolvi praticar as técnicas de foto noturna com a iluminação da barraca e a lua cheia (Foto 24), as fotos ficaram melhores que o esperado. Por volta das 21h25min eu fui me deitar e descansar, então, a dor nos pés e nas pernas veio à tona outra vez, tomei dois Dorflex que havia levado. Fiquei muito feliz em ter conseguido superar mais um dia desafiador e muito quente, agradei muito ao Patrão Velho do Céu por me dar força e coragem para seguir em frente e caminhar mais 46 quilômetros naquele dia, fiquei lembrando as pessoas queridas e dos grandes amigos que tenho ao meu redor, isso me trouxe uma imensa Paz. Lembrei também da minha mãe e do meu irmão, fiquei emocionado e logo em seguida cai num sono profundo e renovador.

4. Terceiro dia da Travessia – Dia difícil.

Dia 24/02. Neste dia acordei com o despertador do GPS e o cansaço acordou comigo desde cedo, foi doloroso levantar e começar arrumar as coisas, as bolhas continuavam a causar desconforto nos pés. Desde cedo já era calor e não tinha nenhum vento. O mar mais parecia uma grande lagoa, nem ondas tinha.

Tomei o meu já tradicional café da manhã repetindo a dose de bisnaguinhas, banana passa e o “delicioso” creme de aveia com água, não optei pelo tomate neste dia. O nascer do sol deste terceiro dia foi lindo, fiz várias fotos para registrar (Foto 25). Tudo pronto! Tirada aquela tradicional foto junto com meu fiel companheiro “Vilço” antes de começar a pernada, e depois partimos juntos rumo ao horizonte sul outra vez (Foto 26).

² Clorin é um poderoso potabilizador a base de cloro orgânico cujo principio ativo é o dicloroisocianurato de sódio, elaborado para tratamento de água para consumo humano, eliminando os micro-organismos causadores das doenças de veiculação hídrica. Apresentado na forma de comprimidos, facilitando a utilização não só para a água de beber mas também na higienização de alimentos.



Foto 25: Nascer do sol do terceiro dia



Foto 26: Foto com o Vilço no terceiro dia

A meta do dia era chegar ao Farol Albardão, pois sabia que lá haveria uma boa estrutura para acampar e água para reabastecer, havia apenas uma pequena dúvida em relação à distância, pois no meu GPS marcava cerca de 40 km até lá. Cerca de uma hora após a saída, encontrei um grupo de pescadores em dois caminhões (Foto 27), eles estavam tomando café da manhã na beira da praia e convidaram para sentar com eles, mas como recém havia me alimentado pedi apenas que me dessem um pouco de água que para minha sorte eles tinham em grande quantidade. Desta feita ganhei mais 2 litros do líquido precioso para o dia a dia do “Índio Véio”.



Foto 27: Primeiro grupo de pescadores



Foto 28: Segundo grupo de pescadores

Um dos pescadores perguntou se eu estava pagando alguma promessa, então lhe contei sobre meu objetivo pessoal e sobre o grupo de caminhadas, ele achou bem legal a ideia, mas disse que caminhar tanto assim é para loucos (acho que já ouvi isso antes). Tirei uma foto deles no caminhão e eles ficaram faceiros com isso, logo em seguida um deles disse assim: - Ei moço, vamos aparecer em qual revista? (E demos algumas gargalhadas). Agradei pela água mais uma vez e segui meu caminho. Neste trecho da praia me chamou a atenção algumas marcas de bicicleta com pegadas de tênis ao lado, dava pra perceber nitidamente que havia uma dupla empurrando bicicletas pesadas pela praia, pois as marcas eram profundas na areia. Fiquei imaginando o que poderia ser.

Alguns quilômetros adiante outro grupo de pescadores mais equipados e em maior número também me ofereceram água (Foto 28), eles estavam parados se preparando para lançar suas redes ao mar e quase todos estavam bebendo água também, novamente repeti minha história e meu desafio, trocamos mais algumas palavras e aproveitei para perguntar sobre a distância até o Farol Albardão, um deles falou que eram 30 km com certeza e como naquele momento eu já tinha feito quase 10 km se confirmava minha previsão de 40 km no dia, em seguida um novo agradecimento pela água e segui meu caminho novamente.



Foto 29: Dia quente e deserto



Foto 30: Cansado, a procura de uma sombra

Este dia foi o mais deserto de todos (Foto 29), nenhum veículo passando por mim, nenhum rosto humano foi possível enxergar, de todos os dias até agora, este foi o dia em que vi menos gente pela frente e, além disso, começava ali um trecho interminável de areia fofa, terrível de caminhar, praticamente se dava um passo para frente e se voltava meio passo para trás. Segui caminhando com muitas dores nas pernas e nos pés, e pra piorar a mochila também começava machucar e a fazer feridas na minha cintura, então tratei logo de reajustar a altura e a pressão para a lesão não piorar ainda mais. Algumas centenas de passos à frente comecei a tentar visualizar a grande torre do Farol Albardão, mas não via nada, então bati um azimute no GPS para conferir a distância e faltavam 14,8 km até lá. Era em torno das 12h30min, o sol e o calor continuavam muito fortes, a areia fofa refletia a luz do sol e o calor como um espelho, foi quando me joguei deitado numa árvore seca caída na praia (Foto 30), fiquei ali caído igual àquela árvore por uns 15 minutos. Olhava para trás e via 10 km de horizonte ao norte, olhava para frente e via 10 km de horizonte e praias ao Sul, olhava para o Leste e só via o oceano e as ondas do mar batendo na praia, olhava para o Oeste só via dunas e um mormaço infernal, olhava para baixo e a areia estava fritando sob meus pés, olhava para cima e sol rachava de tanto calor. Pensei: - Meu Deus! Será que vou sair dessa? Foi então que o “Vilço” mostrou para que veio, coloquei ele sobre a minha mochila e trocamos um curto mas eficiente jogo de pensamentos, ele me dizia olhando nos olhos: - Faça apenas o que você veio aqui para fazer, registre as melhores fotos da Travessia e siga firme em frente Índio Véio, então, te levanta daí e vamos chegar logo ao Farol Albardão. Aquelas palavras do “Vilço” foram um grande

“tapa na cara” para mim, era verdade, as dificuldades eram inerentes ao trajeto e tinham que ser superadas com vigor, então, armei o tripé logo adiante, fiz uma dúzia de fotos daquele momento e seguimos sorrindo, o “Vilço” e eu. O pinus³ interminável acabou à minha direita, mas a areia fofa continuava maltratando o caminhante, então fui praticamente obrigado a caminhar um pouco pela beira da praia, onde a areia era mais firme, porém, ali surgia um outro obstáculo terrível, a inclinação do terreno. Após caminhar uns 2 ou 3 km pela beira da praia, a dor nas pernas e nos pés ficou ainda mais intensa, mas estava pior ainda na perna direita devido à contração muscular gerada pela inclinação daquele trecho, para compensar a musculatura, caminhei por outros 1 ou 2 km de costas (em marcha ré), ali sim quem me visse poderia me chamar de louco mesmo.



Foto 31: Farol Albardão no horizonte



Foto 32: Areia movediça na praia

Num instante olhando para o horizonte Sul avistei finalmente o Farol Albardão (Foto 31), o céu estava limpo, azul, haviam apenas algumas nuvens bem atrás do farol, mas ainda estava muito longe. Repetiu-se o pensamento anterior em relação a ponto de referência, é ótimo visualizar um, mas ele não chega nunca, era a ânsia de chegar. Segui alternando entre caminhada na praia com areia firme e terreno inclinado, hora de frente, hora de costas, e alguns trechos caminhando pela areia fofa mesmo e o Farol estava ficando cada vez mais próximo. Quando estava a menos de 2 km do Albardão, havia uma pequena lagoa na praia que formava um lindo cenário para uma foto, não pensei duas vezes e logo fui preparando a câmera para registrar a cena, me aproximei das margens da tal lagoa e tirei algumas fotos, foi quando tive outra grande surpresa. De repente ouvi como se algo tivesse borbilhado sob os meus pés, a areia do local onde estava começou a ceder e comecei a afundar e não conseguia sair do lugar (Foto 32), fui afundando até a canela e tive que fazer bastante força para conseguir sair, o cansaço, o peso da mochila e as dores musculares tiraram boa parte dos meus reflexos naquele momento e acabei perdendo meus tênis naquela “areia movediça” (lembrei-me dos filmes do “Indiana Jones”, Hehehe), por sorte dava pra ver nitidamente o buraco onde eles haviam afundado, então, deixei a mochila e a câmera em local seco e seguro e

³ *Pinus elliottii* é uma espécie de pinheiro. Existem muitas áreas de reflorestamento com esse tipo de Pinus na América do Sul, especialmente no estado de São Paulo e na região sul do Brasil.

voltei engatinhado ao local para resgatar meu par de pisantes que estavam encharcados e cheios de areia. Foi um susto e tanto! Já tinha ouvido falar destes acontecimentos na Travessia Cassino x Chuí, mas jamais podia imaginar que isso podia acontecer neste lugar tão improvável. Dali, segui caminhando apenas de meias nos pés por pouco mais de 1 km até o Farol Albardão. Já estava escurecendo quando cheguei ao portão (Foto 33) me deparei com um cadeado e uma placa dizendo: Propriedade da Marinha, Entrada Proibida. Deixei minha mochila no portão e fui entrando devagar até avistar algum movimento. Havia uma retroescavadeira trabalhando na remoção de areia do local, então encontrei dois rapazes nos fundos de uma das casas, me apresentei, falei da caminhada que estava fazendo e pedi se podia acampar no local e conseguir água, um dos rapazes pediu para me dirigir até a outra casa onde estaria o responsável pelo local e lá pedir sua autorização. Fui caminhando pelas dunas, sim, dunas, o local estava tomado pela areia, uma cena impressionante (Foto 34).



Foto 33: Por do sol no Farol Albardão



Foto 34: Areia invadindo as casas do Farol

Chegando à próxima casa repeti o mesmo discurso para o Soldado Anderson, que muito gentilmente disse que não podia acampar ali, mas que como já era tarde cederia uma das casas que estava vazia para eu passar a noite e fiquei loco de faceiro com a gentileza do rapaz. Então, tratei logo de voltar ao portão pegar minha mochila e me acomodar no local indicado. A caminhada e o trecho difícil do terceiro dia do desafio me judiaram demais, estava tão dolorido que quase não conseguia caminhar, fiquei deitado na área externa da casa por mais de meia hora. Quando atinei de olhar o GPS para registrar o trajeto do dia vi que estava marcando apenas 39 km, um a menos do que havia previsto para o dia, estava com uma grande fadiga muscular e grande necessidade de descansar.

Após descansar um pouco preparei uma massa e devorei tudo rapidamente, no mesmo instante em que ingeria eu dizia para o meu cérebro: - Por favor, manda toda essa massa direto para minhas pernas, elas estão precisando! Após colocar o chinelo nos pés a dor havia amenizado um pouco, foi então que resolvi furar todas as minhas bolhas (Foto 35), saiu tanta água

dos pés que dava quase pra lavar toda calçada da casa. Claro que fiz pequenos furos apenas para o líquido sair, evitando rasgar as bolhas para não entrar areia, senão aquilo se transformaria num filme de terror. Meu lábio inferior doía muito decorrente da queimadura do sol e da maresia. Fiquei pensando e refletindo sobre os acontecimentos do dia, obviamente que todas aquelas bolhas e dores musculares foram causadas pela grande distância percorrida e pelo terreno instável e quente, no entanto, o maior agravante sem dúvida era o peso da minha mochila.

Enquanto passava o tempo, fiquei pensando e planejando os próximos dois dias de caminhada, afinal, já havia passado da metade do grande desafio. Foram 52 km no 1º Dia, mais 46 km no 2º e agora mais 39 km no 3º Dia, totalizando 137 km naquele momento, então considerando o total de 230 km ainda faltavam 93. Era bastante quilometragem para caminhar em apenas dois dias restantes, isso, considerando também meu estado físico que estava muito desgastado. Fiz e refiz os cálculos e estava pintando ali um sexto dia de caminhada, pois havia a possibilidade de não conseguir concluir em cinco dias conforme havia planejado no começo da aventura. Confesso que fiquei um pouco decepcionado com essa hipótese, mas aceitei sem esbravejar. Então bati outro azimute no GPS até o hotel abandonado e seriam mais cerca de 33 km até lá, assim, defini este como o objetivo para o próximo dia.



Foto 35: Bolhas nos pés

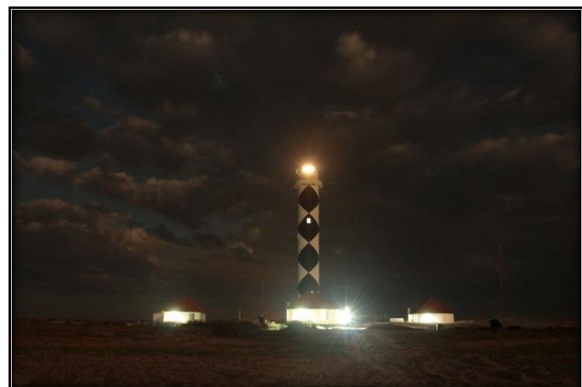


Foto 36: Luzes do Farol Albardão

A construção do Farol foi inaugurada em 03 de Maio de 1909 com uma estrutura metálica, porém, a torre atual é datada de 1948 (Foto 36) e somente em 1986 o farol foi eletrificado contando com um motor gerador de energia a diesel (antes a iluminação era obtida através da queima de gás). Vale lembrar que tive a sorte de poder ficar no local porque acabei chegando tarde, com dores e muito cansado, fui gentilmente acolhido pelos soldados, porém, é necessário obter autorização prévia da Marinha para poder permanecer ou visitar o local.



Foto 37: Lua cheia no alojamento do Albardão



Foto 38: Refeição reforçada (Jantar)

A noite com a lua cheia no farol estava sensacional (Foto 37). Antes de dormir fui preparar uma refeição reforçada para ajudar na recuperação física, cozinhei dois generosos punhados de arroz e comi com sardinha e salame que havia levado (Foto 38), o jantar ficou uma delícia e novamente dei a ordem para o comandante cérebro: - Por favor, envie todo carboidrato e proteína possíveis para as minhas pernas e para os meus pés. Fui convidado para ver o jogo do Atlético Mineiro x Independente Del Valle pela Copa Libertadores da América, e para não fazer desfeita fiquei uns 15 minutos assistindo televisão com a rapaziada do farol, depois agradei imensamente por tudo e voltei para a minha casa. Apesar de ter a possibilidade de dormir numa das camas do alojamento e tomar um banho no local, eu (teimoso) optei por continuar dormindo no meu colchonete inflável e ficar sem banho (apesar do “grande mau cheiro” que carregava comigo), pois a proposta para os cinco dias era essa, nada de conforto. Havia muitos mosquitos no local e não foi uma boa noite de sono por causa disso.

5. Quarto dia da Travessia – Mais um dia difícil.

Dia 25/02. Apesar dos mosquitos, acabei dormindo mais do que nas noites anteriores e neste dia acordei por volta das 06h15min. O sol já estava quase nascendo e fui logo tratando de registrar mais um belo espetáculo do astro rei no amanhecer do quarto dia da travessia (Foto 39). Logo em seguida, arrumei minhas coisas para partida e o Soldado Da Silva veio me convidar para tomar café com eles, foi o máximo, café quentinho, pão feito na hora com manteiga e geleia de uva, e, de quebra, umas bananas. Reabasteci todos meus recipientes com uma ótima água mineral, gentileza dos Soldados. Trocamos mais algumas palavras e parti para mais um dia de caminhada. O Soldado Da Silva muito gentil me acompanhou até o portão. Agradei muito por tudo, nos despedimos e segui minha jornada. Antes da saída não podia faltar a tradicional foto do dia com o “Vilço” (Foto 40).

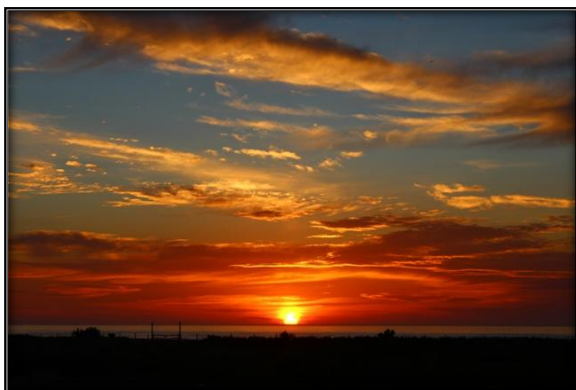


Foto 39: Sensacional nascer do sol do 4º dia



Foto 40: Saída do 4º dia com o Vilço

Após cerca de 500 metros de caminhada percebi que estava faltando algo, era o meu bastão ou cajado improvisado que carregava comigo desde o primeiro dia de caminhada (era um cabo de vassoura com uma boia de pesca que fixei na ponta para melhorar a base de apoio no solo, ficou ótimo – Foto 42), não hesitei e voltei ao farol para buscá-lo. O dia estava nublado e ventava bastante, isso era melhor para caminhar, a temperatura estava um pouco mais amena e o vento soprava nas minhas costas. Do farol em diante comecei a ver muitas pegadas de animais pela praia, muito mais do que já havia visto nos dias anteriores. Mas o que mais chamava à atenção era a grande quantidade de pegadas e muito estrume de vacas, o curioso é que eu nunca as via, então comecei a pensar que eram “vacas fantasmas” e tive que rir sozinho.



Foto 41: O quarto dia amanheceu nublado



Foto 42: Meu bastão apoiador

Nos primeiros quilômetros do quarto dia caminhei muito na beira da praia, quase não havia desnível entre o mar e o restante do terreno, foi um longo trecho de areia firme e plana (Foto 41). E o que era bom durou pouco, o tempo nublado deu lugar a mais um dia de calor e céu azul, ainda bem que o vento continuava. Por volta das 10h30min da manhã a dor nas pernas voltou a marcar presença, então resolvi fazer um tratamento mais intensivo, água gelada. Encontrei uma caixa de madeira na praia que serviu como um banco para sentar, fiquei só de cuecas e entrei no mar. A água gelada do oceano fez muito bem para as pernas, deu uma ótima sensação de relaxamento muscular e apliquei este tratamento por cerca de 15 minutos. Recuperado, saí do mar e

fiquei tomando um pouco de sol ali sentado (Foto 43), aproveitei para comer as bolachinhas trakinas que havia ganhado no segundo dia da turma de pescadores na casa do Sr. Didi, esta parada e este lanchinho me fizeram bem e voltei para caminhada logo em seguida. Ali neste mesmo local tive a brilhante ideia de pegar um peixe morto na mão para fotografar os seus dentes, depois, fiquei com cheiro de carniça na mão o dia todo. Gênio!



Foto 43: Parada para um descanso e reflexão



Foto 44: As vacas não eram fantasmas

Por volta das 11h15min o sol e o calor ficaram mais intensos e pra piorar a situação, enfrentei um novo trecho de areia fofa e de grande desnível da parte firme da praia ainda piores que o dia anterior, aquilo quase tirou meu bom humor. Enfim, as vacas começaram a aparecer caminhando pelas dunas (Foto 44). Pouco antes do meio dia parei num riacho para reabastecer a água que parecia muito boa naquele lugar, no entanto, nunca deixando de usar o Clorin. Segui caminhando, comendo algumas castanhas, algumas mariolas e mandolates, o consumo de água aumentou devido ao calor e visualizei ao longe, no horizonte, um objeto escuro na praia, não dava para distinguir o que era em meio ao mormaço do calor, mas estava lá e eu estava cada vez mais próximo. Alternando entre o terrível trecho de areia fofa e o grande desnível da praia, eu estava sofrendo bastante para caminhar naquele trecho, novamente dava um passo para frente e voltava meio para trás por causa da areia, até mesmo na beira da praia a areia estava macia nesta parte do trajeto, foi terrível, mas finalmente cheguei ao objeto na praia (Foto 45). Não sei dizer se era uma boia ou era parte de algum barco, mas estava ali atolado na areia da praia sendo corroído pela ação da maresia. Fiz algumas fotos e segui em frente. Alguns metros depois surgiu uma nova miragem, desta vez parecia um pequeno veículo na beira da praia, mais parecia um carro mesmo e dava pra ver nitidamente que havia movimento nas proximidades, uma pessoa indo de um lado para outro.



Foto 45: Objeto metálico na praia



Foto 46: Os dois Mexicanos de bicicleta

Acelerei o passo, amimado com a possibilidade de conseguir uma sombra para sentar e mais água para beber. Obviamente e sempre que possível, procurava poupar a água que carregava comigo para as noites e para o começo do próximo dia, então, encontrar água para beber durante a perna era sempre uma grande benção dos céus. Fui me aproximando daquela miragem e para minha surpresa aquilo que parecia um veículo estacionado na praia era uma barraca, sim, uma barraca.

Ao chegar ao local me deparei com dois Mexicanos (Foto 46) que estavam fazendo a mesma coisa que eu estava, a Travessia Cassino x Chuí, porém, estavam de bicicleta. Conversei um pouco com eles em Espanhol e ficamos surpresos por nos encontrarmos naquelas alturas do trajeto, e eu mais ainda por eles estarem de bicicleta. No mesmo momento lembrei-me das marcas que vi na praia no começo do dia anterior e logo liguei aquelas pistas aos dois sujeitos. Falamos os nossos nomes, um deles se chamava Josué e o outro não entendi direito, fiquei surpreso também como eles poderiam ter vindo de tão longe para fazer a travessia, era no mínimo curioso, mas não entrei no mérito da questão. Se para mim estava difícil para caminhar naquele terreno, imagine caminhar empurrando uma bicicleta carregada de equipamentos e água, conclusão, eles estavam passando por uma situação difícil também. Perguntei se iriam prosseguir e então responderam que iriam esperar a maré baixar um pouco para poder andar de bike pela beira da praia. Pedi se podia fazer uma foto deles, disseram que sim, registrei o momento, agradei e segui meu caminho deixando os Mexicanos para trás, e naquele dia não os vi mais.

Continuei na minha saga pelo litoral comendo uma pastelina e bebendo água, logo depois comi um prestígio de sobremesa. Uma delícia! Depois do encontro com os Mexicanos segui quase 100% pela beira da praia, o desnível amenizou um pouco e a caminhada estava mais tranquila. Na minha frente gaivotas, muitas gaivotas sempre em bandos, à medida que eu me aproximava delas, naturalmente levantavam voo e pousavam mais à frente, e isso se repetiu dezenas de vezes, tanto que num determinado momento cheguei a pensar: - Bah! Estou tocando todas as gaivotas

para o Sul, ou eu vou causar uma superpopulação delas no Chuí ou elas vão se reunir e me fazer voltar correndo até o Cassino. Novamente dei algumas risadas comigo mesmo.

Antes de sair do Farol Albardão o Soldado Da Silva me deu uma dica importante, ele disse: - Ei Cristiano, marca no seu GPS, daqui a 30 km aproximadamente haverá uma boia metálica na praia e um grande capão de mato, logo após esta boia há um morador, podes passar na casa dele para pegar mais água, mas cuidado, pois não é possível ver a casa de onde estiver na praia, terá que procurar atrás dos cômoros de areia.



Foto 47: Boia distante no horizonte



Foto 48: Detalhes da boia

Era uma informação importante, água no meio do deserto. Já havia passado do km 25 quando avistei uma nova miragem no horizonte (Foto 47), outro objeto escuro e estático na praia, logo pensei: - Seria a tal boia citada pelo Da Silva? Em breve vamos conferir! Segui firme na pernada até o local e ao chegar marcava no GPS os exatos 30 km mencionados pelo soldado e de fato era a tal boia metálica citada (Foto 48).

Fiz algumas fotos pra registrar a passagem pelo lugar e comecei a procurar a entrada para a casa do tal morador, havia várias possíveis entradas, mas nenhuma delas mostrava com clareza o acesso a uma moradia, então, caminhei mais algumas dezenas de metros quando vi marcas recentes de um veículo que parecia uma caminhonete adentrando uma faixa desértica e aberta de areia e indo no sentido dos cômoros e daquele grande capão de mato que o Da Silva disse. Era ali. Encontrei uma casa bem caprichada e bem cuidada cheia de placas e de objetos possivelmente encontrados no mar, parecia até um refúgio militar, também havia uma placa que dizia “Praia do Pastor”, chamei para ver se havia alguém na casa, mas ninguém respondeu, percebi que havia também um litro de uísque e um copinho servido da bebida na varanda da casa, logo imaginei que o proprietário gostasse de receber seus convidados desta forma, mas não toquei em nada e tratei de bater em retirada, afinal, o dono da casa não estava.

O deserto estava mesmo deserto e segui meu rumo, logo mais a frente na beira da praia, havia um pequeno acampamento, algumas lonas e algumas ferramentas espalhadas pelo chão (Foto 49), eram sinais de presença do homem por aí, fui chegando de mansinho e gritei: - Tem alguém aí? Alguns segundos de silêncio e vi um movimento embaixo da lona, em seguida veio para fora um cachorro assustado que começou a latir muito em minha direção, ele deve ter ficado tão surpreso quanto eu. Naquele momento imaginei que fosse o cachorro do tal pastor, esperando pelo retorno, no entanto, surgiu por trás de pequenas dunas a figura de um homem careca, sem camisa e descalço que vinha ao meu encontro com mais dois cachorros enlouquecidos.



Foto 49: Lonas na praia



Foto 50: O Ramiro e a sua casa

Era o Ramiro, um Argentino que morava na praia do “Hermena” (Foto 50) e que resolveu se mudar para aquele lugar isolado para ter uma vida mais tranquila, ele convidou para entrar e conhecer sua casa e abasteceu meu estoque de água. Conversamos em torno de 15 minutos sobre vários assuntos, comentei que minutos antes estive na casa do pastor (Sr. Ricardo) e ele retrucou dizendo que o mesmo havia saído para ir até o Hermenegildo ainda pela manhã e que não sabia quando iria voltar, enfim. Fizemos uma foto do encontro na casa do Ramiro e segui meu caminho para acampar no Hotel abandonado, entre idas e vindas ali naquele lugar acabei caminhado mais uns 3 km e ainda faltavam mais 2 km até o dito hotel.

O cansaço e a dor nas pernas voltaram a causar desconforto, não fosse pela marcação do ponto no GPS e pela indicação do Ramiro, dificilmente iria encontrar o hotel abandonado, pois o local fica escondido bem atrás das primeiras dunas da praia. Ao chegar lá, o GPS marcava 36 km percorridos no dia e me deparei com um belo gramado para o acampamento, protegido do vento e da maresia (Foto 51) e com a construção abandonada literalmente tomada pela areia das dunas, dava pra perceber que o tamanho do tal hotel era bem considerável, mas faltava pouco para que toda obra fosse engolida totalmente pela areia (Foto 52). Também chamou a atenção no local uma barraca em ótimo estado que estava instalada, me aproximei, chamei para ver se havia alguém, mas não houve resposta nenhuma. E até o outro dia eu permaneci sozinho e

isolado naquele lugar. Meu caminhar após tirar a mochila era no “estilo pato”, com os pés meio voltados pra dentro da pisada e fazendo movimentos com a cintura para poupar os músculos das pernas. Eu ria de mim mesmo.



Foto 51: Acampamento no hotel abandonado



Foto 52: Detalhe do hotel coberto por dunas

Montei meu acampamento, aproveitei para bater um pouco da areia que havia ficado na minha barraca, fiz várias fotos para registrar o que restava do antigo hotel, e fui preparar meu jantar (dose em dobro de massa + sardinha + tomate, apenas pra variar um pouco). Depois de saciar minha fome fiquei deitado na barraca para tentar descansar, minhas pernas latejavam, estava com muita dor nas panturrilhas e nas coxas, então amarrei uma cordinha nos pés e os amarrei no teto da barraca para poder ficar de pernas pro alto alguns minutos, aquela posição me deixou mais confortável e ajudou com as dores, porém, acabei pegando no sono daquele jeito, momentos depois acordei apavorado sonhando que havia sido preso pendurado pelos pés quando na verdade, era realidade, eu estava exatamente assim. Foi uma boa experiência, desatei meus membros inferiores e os desci, fiz uma auto massagem na musculatura que me deixou praticamente novo. Neste dia eu escrevi meu diário ainda sob a luz do dia e pouco antes do anoitecer recebi a visita de uma meia dúzia de Guaraxains procurando comida, mas não consegui tirar foto deles. A queimadura do sol nas mãos e nos lábios doía muito também, mas não havia o que fazer.

Ao deitar a gente começa lembrar-se de um monte de coisas, neste dia a lembrança foi da gurizada do churrasco da quinta feira, pois naquele momento eles deviam estar se fartando de um bom churrasco, cerveja, e dando um monte de risadas em algum lugar. E o sono vinha chegando, cansaço batendo e peguei no sono, porém, acordei pouco antes da meia noite com mais dor nas pernas, sentia um músculo incomodando na lateral bem próximo ao quadril, então deitando de lado envolvi meu cantil vazio numa pequena toalha e coloquei por entre os joelhos para poder dormir, aquilo aliviou bastante aquela dor no quadril e consegui dormi deste jeito a noite toda.

6. Quinto dia da Travessia – Dia de temporal.

Dia 26/02. Na noite anterior, entre vários pensamentos, eu pedi a Deus que o último dia fosse nublado, pois talvez não aguentasse mais um dia de calor e sol intenso. Eu nem fazia ideia da previsão do tempo para a sexta feira, mas o homem lá do céu atendeu ao meu pedido. Acordei cedo, por volta das 05h45min e o dia amanheceu nublado, comi as últimas bisnaguinhas que restavam, fiz meu último creme de aveia delicioso, comi mais algumas castanhas e tratei de guardar todo equipamento.



Foto 53: Saída do 5º dia com o Vilço



Foto 54: Nascer do sol do 5º dia

Não podia faltar a foto com o “Vilço”, tiramos o retrato com o hotel em ruínas ao fundo, fiz um gesto de força na imagem (Foto 53), pois sabia que iria precisar neste dia. Inicialmente a meta era caminhar 38 km até o “Hermena” e deixar o restante para o sábado, fazendo dessa forma mais meio dia de caminhada no dia seguinte. O nascer do sol deste dia foi tímido (Foto 54), não tão bonito quanto os quatro dias anteriores, pouco depois das 6 horas eu já estava caminhando. Caminhei praticamente toda manhã sob um tempo carrancudo, bastante nublado e escuro.



Foto 55: Dia nublado e carrancudo



Foto 56: Cadeira de praia abandonada

Este dia apresentou o melhor trecho de caminhada de todos, trajeto plano com areia batida em praticamente 95% do percurso, um grande alívio (Foto 55). Chamou minha atenção um urubu no topo de um palanque nas dunas me observando atentamente, logo pensei que ele

estivesse farejado meu “mau cheiro” e veio atrás de comida, porque o odor estava feio mesmo. Chamou minha atenção também uma cadeira de praia armada no meio do nada, como se alguém estivesse usando-a, fiz até uma foto pra registrar (Foto 56). Por volta das 11 horas da manhã avistei um acampamento à direita da praia nas dunas, eram meus amigos Mexicanos que havia passado por mim no acampamento do Hotel e seguiram em frente no dia anterior. Conversamos um pouco mais, o Josué me mostrou que havia quebrado o canote do banco da sua bicicleta, por isso estava bem difícil para pedalar, mas não havia o que fazer. Bem naquele momento era possível avistar muitas nuvens escuras no horizonte sul à nossa frente (Foto 57) e comentamos que certamente enfrentaríamos chuva naquele dia.



Foto 57: Se armando o temporal



Foto 58: Bandeira avistada da praia

Despedi-me dos amigos mais uma vez e caminhei por mais 45 minutos, estava num ritmo acelerado, já havia passado dos 20 km do trajeto quando o tempo fechou de vez e começou uma verdadeira chuva de raios para todos os lados, era lindo e ao mesmo tempo perigoso e assustador. Eu estava vulnerável e desprotegido caminhando pela praia, precisava procurar um abrigo e esperar aquela tempestade passar, foi quando avistei uma luz acesa e uma bandeira do Brasil atrás das dunas (Foto 58), ainda estava longe, mas não pensei duas vezes e fui correndo para aquele local, tinha quase certeza de encontrar mais pessoas por lá. Cerca de 15 minutos depois, com o vento do temporal já bem próximo, cheguei ao Rancho Refúgio das Acácias, havia dois veículos estacionados na frente e ouvi vozes nos fundos para onde me dirigi e ali encontrei quatro grandes camaradas que me acolheram gentilmente no abrigo. Cheguei e pedi licença para esperar o temporal passar, no mesmo instante perguntei se podiam me dar um pouco de água. Ganhei 1 litro de água bem gelada e uns pedaços de Churrasco que ainda estavam beliscando no local, eles adoraram a ideia do “Vilço”. Ficamos conversando por mais de 30 minutos, trocamos os contatos e me tornei o mais novo amigo da turma do Senhor Helio Orsina (e do cachorro “chorão”). A chuvarada veio forte junto com alguns clarões de relâmpagos, escureceu enquanto chovia e logo depois clareou quando o temporal passou, era a hora de ir embora. Os amigos da turma do Orsina

gentilmente queriam que fosse embora de carona com eles, quando um deles exclamou: - Deixem-no ir caminhando, pois ele tem um propósito e um objetivo para seguir.



Foto 59: Turma do Helio Orsina no Recanto



Foto 60: A Chuva que havia passado

Depois de conversarmos mais um pouco e me mostrarem todo rancho, que, aliás, era muito caprichado, tiramos uma foto juntos (Foto 49) bem na frente da placa que identificava o lugar, agradeci a todos pela hospitalidade, pela comida e pela água e segui o meu caminho rumo à praia do Hermenegildo. A chuva forte já havia passado (Foto 60) e havia caminhado por mais uns 3 km quando tomei uma decisão importante, eu disse para mim mesmo: - Não vou deixar apenas 12 km para amanhã! Vou concluir este desafio hoje, nem que chegue ao final à noite. Alterei o formato de marcação do GPS para mostrar o trajeto restante, faltavam 30,4 km no momento que olhei para tela do aparelho, respirei fundo e dei o primeiro passo em contagem regressiva para conquistar esta quilometragem que faltava, além disso, neste mesmo momento me dei conta que havia esquecido meu bastão outra vez, desta vez no Rancho das Acácias, fiquei muito chateado por deixar meu grande companheiro e apoio para trás, mas dadas as circunstâncias fiz uma avaliação e decidi não voltar para buscá-lo, pois gastaria um tempo precioso com isso, que talvez poderia fazer falta no final. Fiquei de luto por alguns minutos pela minha falha com um objeto que poderia ser insignificante à primeira vista, mas que havia assumido grande importância na minha jornada. Adeus ao meu bastão! Exatamente meia hora foi o tempo que passou quando ouvi logo atrás o barulho de um veículo, eram os meus amigos que resolveram ir embora e trouxeram de volta para mim o meu bastão companheiro e mais 1 litro de água mineral. Fiquei muito feliz e agradecido pelo acontecido, não dava pra acreditar que pouco tempo depois de lembrar que havia esquecido meu apoio ele havia retornado a mim desta forma. Fiquei emocionado e agradeci muito aos amigos do rancho. Todos me desejaram boa sorte e o Senhor Helio disse que qualquer coisa que precisasse podia ligar para ele, pois havia me dado seu número de telefone enquanto conversávamos no rancho. Fiquei pensando por vários quilômetros na sequência se chamava isso de sorte, milagre, destino, acaso...

Para refletir...

Segui a passos firmes rumo ao “Hermena” e vi meus amigos mexicanos passando pela praia de bicicleta, acenaram pra mim e seguiram (Foto 61).



Foto 61: Mexicanos passando na praia



Foto 62: Chegando à praia do Hermena

Continuei caminhando, mas as forças estavam se esgotando, os músculos das pernas e pés novamente apresentavam sinais de fadiga, eu já conseguia visualizar a torre de uma antena de celular da praia do Hermenegildo, mas estava demorando pra chegar até ela. Comecei avistar alguns pescadores na beira da Praia, sinais de Civilização (Foto 62) voltavam aos meus olhos, foi quando vi a cadeira de praia de um pescador que não estava sendo utilizada e pedi se podia me sentar ali por alguns minutos, ele gentilmente falou que podia. Enquanto eu descansava, ele foi até seu carro e trouxe uma maçã, uma laranja e uma garrafa de 500 ml de água bem gelada, fiz tudo isso desaparecer em poucos segundos. Era o Senhor Léó, um aposentado de Santa Vitória do Palmar que tem uma casa na praia do Hermena pra curtir suas pescarias. Ele perguntou sobre a caminhada e ficou surpreso com o desafio que eu enfrentava, me desejou boa sorte e nos despedimos, ele ficou para trás pescando e eu segui caminhando. O lanche ajudou revigorar um pouco as forças que já estavam se acabando.

E a praia do Hermenegildo não chegava nunca (Foto 63), à medida que passava pelas pessoas ia sendo flechado com olhares no mínimo curiosos, teve um senhor que perguntou se estava participando da travessia, então expliquei que havia saído do Cassino na segunda feira e havia feito todo trajeto sozinho (mais tarde, não sei como, este senhor me encontrou e me adicionou aos seus contatos do Facebook postando um comentário numa das minhas fotos, incrível). Perguntei para outro caminhante da praia onde poderia encontrar um restaurante para fazer um lanche, ele explicou para subir na escadaria pouco depois da guarita dos salva-vidas número 24. Cheguei ao local muito devagar, as forças estavam no limite, os olhares de curiosidade continuavam sobre mim, cheguei à primeira lancheria à esquerda logo depois da imagem de lemanjá e desabei sobre a mesa. Perguntei ao rapaz que atendia qual era o lanche mais rápido que ele podia preparar, ele prontamente respondeu que seria um “Pancho” e que demoraria em torno de 3 minutos (pão de

cachorro quente com salsicha + uma boa dose de catchup e mostarda), mandei logo fazer dois destes para mim e pedi duas cocas bem gelada com urgência.

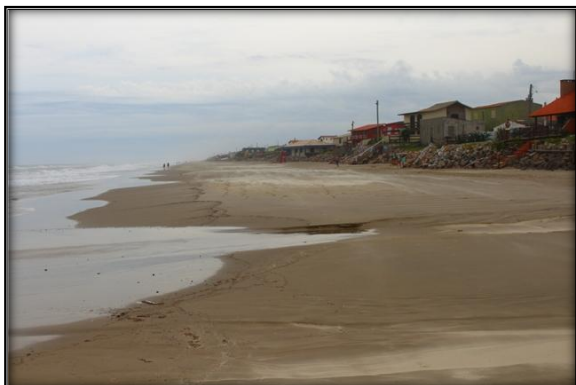


Foto 63: A chegada do "Hermena"



Foto 64: Pancho com Coca-Cola

A primeira Caca-Cola foi como tomar uma colher de água, desceu rápido e tenho certeza que foi direto para o sangue. A segunda eu tomei um pouco mais devagar. Tinha dificuldades de comer o Pancho (Foto 64), pois a inflamação no meu lábio doía muito, mas a fome era maior, ignorei a dor e mandei os dois em poucos minutos goela abaixo. Ainda havia espaço para mais um, pedi mais um Pancho e mais uma Coca e pra finalizar o “lanchinho” detonei dois picolés de chocolate. Tudo isso não durou mais do que 15 minutos. A palavra do momento era: RENOVADO! É impressionante o poder e a importância que a alimentação tem para o corpo humano, minha disposição aliada à motivação e o entusiasmo de chegar ao final saltou de ZERO para 120%.

Mas quando fiquei de pé outra vez percebi que não era bem assim, a musculatura estava toda enrijecida, parecia uma dobradiça enferrujada. Aos poucos fui recobrando os movimentos, fiz uma foto na frente da Iemanjá (Foto 65) e segui para os 12 km até a Barra do Chuí, faltava pouco para atingir meu objetivo. Ao retomar a caminhada, se aproximou e puxou papo comigo o Senhor Édo, um camarada bancário do Banrisul que também estava caminhando e que me viu passar pelo começo da praia minutos antes, dali seguimos juntos batendo um bom papo sobre a minha aventura e ele contou também um pouco da sua vida. Ele caminhou comigo por uns 3 ou 4 km até avistarmos o Farol da Barra do Chuí, ao longe no horizonte. Dali nos despedimos, ganhei mais desejos de Boa Sorte e segui sozinho outra vez.

Quando olhei no GPS faltavam 10 km até o Farol, e o tempo começava a armar um grande temporal à minha esquerda. Dava pra ver muitos raios caindo bem atrás do Parque Eólico de Santa Vitória, era assustador pela grande frequência e pela quantidade de descargas elétricas. Eu comecei a rezar pedindo proteção e para que aquela tormenta ficasse só daquele lado (é, nessas horas a gente começar rezar mesmo), afinal, para percorrer os 10 km faltantes eu precisaria de pelo menos mais 1h45min (Foto 66). Num ímpeto comecei a correr, ignorei totalmente a fadiga muscular

e o grande cansaço e corri respeitando meu limite físico e o peso que ainda carregava, eu suava feito um animal, eu só parei de correr quando a respiração e meu ritmo cardíaco chegaram ao limite, corri por quase 6 km e ganhei um tempo considerável em relação ao temporal, depois voltei a caminhar, mas também num ritmo acelerado, nesse ínterim uma outra tempestade começava se formar no oceano à minha esquerda com muitas nuvens escuras e muitos raios também, parecia até que eu estava indo rumo ao apocalipse.



Foto 65: Foto na Iemanjá do Hermenegildo

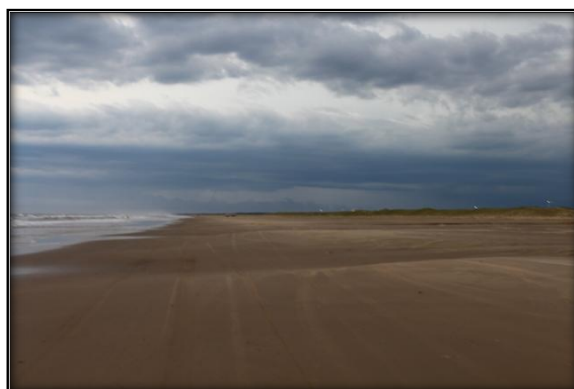


Foto 66: A última foto antes do temporal

Os clarões dos raios estavam cada vez mais sobre a minha cabeça, eu já havia caminhado mais 4 km nessa tensão total quando os dois temporais se encontraram bem na minha frente e começou a chover forte, faltavam apenas 2 km para chegar ao Farol da Barra do Chuí, então para não correr mais nenhum risco resolvi parar perto das pequenas dunas cobertas de vegetação na beira da praia, fiquei num pequeno abrigo entre duas dunas, fiz uma cobertura com a minha capa de chuva, acomodei a mochila por entre as pernas, foram longos 15 minutos debaixo de um forte temporal, muito vento e raios que caíam para todos os lados, nessas horas não há como não pensar no pior, eu estava com muito medo, mas não havia outra saída senão ficar ali e esperar o temporal passar. Mas a sorte sorriu pra mim mais uma vez, surgiu uma pequena luz vinda pela praia, fiquei imaginando se seria uma moto ou um veículo maior, esperei mais alguns segundos e vendo que eram duas luzes concluí que seria um carro ou uma caminhonete, a minha salvação, quando estava próximo acenei para o motorista, mas ele não me viu ou não quis parar, porém, quando percebi que se tratava de uma rural com a caçamba vazia não hesitei em pegar minhas coisas sair correndo mais uma vez e me grudar na carroceria, fui arrastando os pés na areia até conseguir me fixar bem sobre o veículo e fiz os dois quilômetros finais da minha grande aventura dependurado na carroceria da rural. Ao chegar aos Molhes da Barra do Chuí a Rural subiu por uma pequena estrada que dava acesso ao vilarejo e eu me joguei na areia da praia exausto pela força que havia feito. Caminhei mais 1 km até o Farol da Barra e pronto! Estava finalizada a minha missão, o meu desafio, a Travessia Cassino x Chuí havia chegado ao final, foi sofrido, mas cada segundo valeu a pena. Foi uma experiência de vida única e inesquecível. A tormenta com vento e raios havia passado, mas a chuva

continuava muito intensa, por isso, não consegui registrar nenhuma imagem do farol da Barra do Chuí. Neste último dia caminhei 52 km e andei pendurado na carroceria de uma caminhonete por mais 2 km, totalizando 54 km no dia.

Depois de toda essa adrenalina, tratei de procurar um lugar para passar a noite na Barra do Chuí, haviam várias pousadas e casas com placas de “Alquilo” (Alugo em Espanhol), nas primeiras duas que tentei estavam lotadas e somente na terceira tentativa consegui um lugar para ficar. Era a casa de um construtor civil que tinha várias casas para locação, chegando ao local a casa estava alugada pela forte chuva do temporal, então, peguei minha camiseta da Indiada que já estava encharcada e ajudei a secar boa parte do lugar. Paguei R\$ 120,00 por uma pequena casa com dois quartos, cozinha e banheiro que ficava em frente e fui direto para o banho. De banho tomado e já com roupas secas, atravessei a rua pedi ao Senhor que era o dono das casas se havia alguma farmácia ali perto, pois precisava cuidar dos lábios e das queimaduras de sol, ele gentilmente pegou seu carro e me levou até uma farmácia que ficava a umas dez quadras de distância. Na volta pra casa, pedi que informasse o número de um Táxi para me levar até o Chuí na manhã seguinte, ele prontamente me passou o número do Taxista Hugo. Estava com muita fome, então fui até um pequeno restaurante para comer algo, pedi um bife milanesa com batatas fritas e uma Coca-Cola, enquanto esperava pelo pedido aproveitei e liguei para alguns amigos (Jair, De Conto, Longhi e Paula) e parentes (Prima Gisele) para avisar que estava tudo bem. Havia deixado no carro o número da Rodoviária do Chuí, então, aproveitando a ligação que fiz para o Jair Zorzi pedi para ele verificar para mim os horários de ônibus para Rio Grande e logo após liguei para o Taxista Hugo e agendei a corrida para as 06h15min. Depois da fatura do jantar, voltei para o quarto, mas não conseguia dormir, a adrenalina ainda estava forte no sangue, às dores então, nem é bom comentar, daí fiquei revendo as fotos da grande aventura e matando uns 30 mosquitos que estava me incomodando. Estava quase pegando no sono quando recebi a ligação da turma das Indiadas, era a Viane, o Bruno, a Cassi e o Lago querendo saber como eu estava, fiquei bem feliz com a surpresa.

Passada a noite mal dormida, ainda pensando em tudo que aconteceu, acordei no sábado bem cedo para esperar o táxi até a Rodoviária do Chuí. Cheguei a Rodoviária por volta das 06h30min e logo fui comprar minha passagem até Rio Grande. Partimos às 07 horas e foram longas 04h30min de viagem com muitas paradas, o ar condicionado do ônibus ressecou ainda mais meus lábios causando uma dor terrível. Chegando a Rio Grande peguei outro táxi para me levar até a Praia do Cassino na Pousada Palhoça onde havia deixado meu carro no domingo, mas antes passei numa farmácia comprar remédio para os lábios. Chegando à Pousada, novamente fui muito bem recebido pela Dona Ana Rita. Depois disso, foi só almoçar e partir em viagem de volta para Bento Gonçalves com a satisfação da conquista do desafio, uma grande experiência de vida e história para contar.

7. Informações complementares

O Nascer e o Pôr do Sol: apesar dele me judiar o dia todo com seus raios ultravioletas, o nascer e o pôr do sol foram alguns dos melhores momentos da grande aventura, tive a sorte de apreciar o espetáculo do crepúsculo em quatro dos cinco dias da Travessia Cassino x Chuí, fiz fotos sensacionais, foram momentos inesquecíveis.

A Lua: peguei três noites de lua cheia incríveis, em especial, a segunda e a terceira noites foram aquelas que conseguir curtir e até fotografar alguns cenários com a iluminação nostálgica do luar. Foram emocionantes as coisas que eu lembrava curtindo a grande lua cheia, os amigos, a família, a minha querida Indiada Buena, meu coração, meus pensamentos.

As Pessoas: conheci pessoas formidáveis nestes cinco dias, recebi ajuda das pessoas mais improváveis, recebi palavras de conforto e apoio em alguns dos momentos em que Eu mais precisava, desejos de Boa Sorte não faltaram para mim, e eles realmente se apresentaram em grande número e em muitos momentos. Foi muito bom sentir a solidariedade daqueles que estavam perto e podiam ajudar de alguma forma e não há palavras para descrever a preocupação e o carinho daqueles que estavam longe. A vibração positiva de todos fez toda diferença, com certeza. E foi nisso que eu me agarrei em alguns dos momentos mais difíceis. Saber que há pessoas que nos admiram e nos apoiam, que gostam da gente simplesmente pelo que somos é um fator vital.

A Dor e a Motivação: não é fácil lidar conosco mesmo quando estamos cansados, pior ainda quando estamos com dores e lesões. Nestas horas é preciso manter a mente focada no objetivo e em tudo aquilo que há de bom, pensar no que já foi conquistado ao invés daquilo que falta, pensar sempre de maneira positiva e nas coisas boas, apesar de nem sempre as circunstâncias serem favoráveis, pensar sempre em algo bom e procurar ver o lado positivo das coisas, pois sempre há.

A Falta de Sombra: Em muitos momentos eu queria apenas um metro de sombra para poder ficar embaixo, mas não havia então em muitos momentos eu tive que ser a minha própria sombra. O sol, o calor, o vento, a maresia, a areia quente, o terreno instável são fatores que põem a prova toda sua capacidade de concentração e sua força física, então, nessas horas só temos que pensar nas opções que temos, e a única opção era seguir em frente.

A Administração de Recursos: ter água e não poder beber é um paradoxo difícil, foi preciso administrar minuto a minuto todos os meus suprimentos. Em muitos momentos, tive a sorte de conseguir comida e água além daquilo que havia planejado, mas nem por isso abusei da boa

vontade ou do consumo, sempre pensado que poderia fazer falta depois. Tudo tem que ser consumido na medida certa, encontrar esta medida é o grande desafio do aventureiro.

O Medo: senti medo de começar, senti medo de não conseguir concluir, de criar uma frustração para mim mesmo. Senti medo de passar a noite sozinho, acampado no meio do nada. Senti medo de caminhar em trechos de praias desertas. Senti medo de passar mal devido ao forte calor e ao sol, senti muito medo dos raios e dos temporais. Mas o medo só existe por uma razão: é para ser enfrentado, e não é nada fácil lidar com isso, mas é necessário. O medo nos faz agir com prudência e encarar as coisas com responsabilidade e respeito. O medo tem que fazer parte da vida, mas ele não pode em hipótese alguma se transformar num limitador.

A Importância da Água: eu jamais havia consumido seis litros de água por dia numa caminhada, mas este foi o meu consumo durante a travessia. Alguns fatores como o forte calor e sol aumentaram significativamente meu metabolismo, aumentando meu consumo de água, aliado ainda às condições adversas do terreno, a água tornou-se o principal elemento para realização e conclusão do objetivo. Sempre importante levar filtros ou Clorin para purificar e filtrar fontes duvidosas. Sempre importante planejar bem o consumo de água e estudar as fontes do local por onde irá passar. Sem as possibilidades de reabastecimento que havia, eu não teria conseguido concluir a aventura.

As Miragens: nossa mente às vezes se torna uma grande armadilha, ela projeta imagens e pensamentos que são difíceis de explicar. A mistura de praia, horizonte, sol e calor, geram um mormaço ao longe que distorce totalmente às imagens. Vi uma barraca que parecia ser um carro. Via uma Vaca que parecia ser um caminhão. Vi placas e estacas cravadas na areia que pareciam ser pessoas. É impressionante como funciona a nossa imaginação. PS.: Não bebi nada alcoólico durante a travessia e nem ao redigir este relato.

8. Tabela de Tempos e Deslocamentos

Data	Dia	Km/Dia	Tempo		Média Km/Hora
			Andando	Parado	
22/02/2016	Segunda	52	10h15min	01h35min	5,1
23/02/2016	Terça	46	09h43min	02h18min	4,7
24/02/2016	Quarta	39	08h20min	01h32min	4,7
25/02/2016	Quinta	36	07h56min	01h42min	4,5
26/02/2016	Sexta	54	09h45min	02h27min	5,6
		227	45h59min	09h34min	4,9

9. Considerações Finais

Uma grande experiência de vida. Essa frase pode resumir com louvor aquilo que foi até a presente data a maior aventura da minha vida. Foram cinco dias de caminhada totalizando 227 km percorridos desde os Molhes do Porto de Rio Grande na Praia do Cassino até os Molhes da Barra do Chuí em Santa Vitória do Palmar. A aventura iniciou um dia depois do meu aniversário no dia 22/02 numa segunda feira e foi até o dia 26/02, sexta feira. O trajeto foi marcado por inúmeros cenários, acontecimentos, personagens, sentimentos e grandes emoções. Caminhar pela praia não é fácil, há inúmeros fatores que influenciam fortemente seu humor e seu desempenho físico, são retas intermináveis, trechos de areia fofa extremamente difíceis de percorrer por longas distâncias, a inclinação do terreno que não favorece em várias partes do trajeto. Mas tudo é compensado pela superação pessoal e pela conquista do objetivo final. A realização da Travessia Solo foi uma opção arriscada, mas muito bem planejada, me cerquei de toda a informação possível antes de botar o pé na areia. Além disso, é preciso ter bons equipamentos e excelente condicionamento físico para poder encarar uma empreitada deste porte. Meu maior desejo com este relato foi transmitir na íntegra tudo aquilo que vivenciei dia a dia durante a Travessia da Maior Praia do Mundo.



10. Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por ter iluminado meu caminho nestes cinco intermináveis dias de aventura pela maior praia do mundo, tudo aquilo que chamei de “sorte” não aconteceu por acaso. Obrigado Patrão Velho do Céu! Agradeço ao Fernando Souza Neto pelas grandes dicas sobre a travessia e pelo tempo dispensado comigo ao telefone para auxiliar no planejamento da grande aventura. Agradeço a Helena Perin por ter nos colocado em contato e possibilitar esta rica troca de informações e experiências. Agradeço de coração aos grandes amigos César Longhi, Jair Zorzi e Paula Hensel pela preocupação de irmão. Agradeço a turma da Loja Katmai por proporcionar a grande e incansável companhia do “Vilço”. Agradeço à Ana Rita Lauser da Pousada Palhoça na Praia do Cassino pela gentileza da hospedagem e pela grande força na logística. Agradeço ao Helio Orsina de Santa Vitória do Palmar e turma pela ótima acolhida no rancho e pelo apoio moral. Agradeço a todos que mesmo anonimamente e que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização deste desafio. Agradeço ao “Vilço” por ter sido um grande parceiro de aventura, por ter falado quando deveria falar e por ter calado quando deveria silenciar. Agradeço ao meu bastão de caminhada pelo grande apoio em cada pisada. Agradeço de forma especial aos meus queridos Índios da Indiada Buena pela grande torcida pelo meu sucesso nesta empreitada.

Cristiano da Cruz

crdacruz@gmail.com

INDIADA[®]
BUENA
AVENTURAS



Fotografia, Redação e Edição: Cristiano da Cruz.

Revisão: Jair Luiz Zorzi, Leandro de Conto, Helena Perin e Paula Hensel.

Informações sobre os Faróis Brasileiros: <http://faroisbrasileiros.com.br>